

A MULHER PAULISTA

Correio de São Paulo 18.9.34

A vida politica de São Paulo era um pantanal marasmado e miasmatico, onde se estiolavam lamentavelmente as melhores energias de um povo, que sempre as teve de tempera e valor incalculaveis. O ar que ahi se respirava era a atmospheria pesada e suffocante, impregnada de effluvios mephiticos, peculiar aos lugares insalubres, em que apodrece alguma coisa. Esporadicos e abafados no nascedouro alguns raros surtos de entusiasmo sadio, tentativas esparsas e fracamente coordenadas de um povo digno para sacudir um jugo de chumbo, subrepticamente imposto e assumir a propria personalidade.

Descrença na efficacia dos movimentos renovadores e na realidade da democracia, desanimo, scepticismo era o que por toda a parte se observava. A fraude desabusada campeava ás soltas, de par com a violencia, sua irmã dilecta e a ausencia de escrupulos, a deshonestidade na gestão dos negocios publicos se tinham erigido em norma de uma politica desprovida de principios e indigente de ideaes, tendo em vista o mando pelo mando, o poder pela somma de proventos materiaes a serem delle extrahidos. O opportunismo profissional, senhor absoluto e incontestado, por ahi divagava displicente, a colher os fructos da sua obra nefanda, prolongada por decennios e decennios.

Foi nesse ambiente e nesse campo que, como uma rajada de ozone, vivificadora e electrisante, sobreveiu a interferencia da mulher paulista na vida politica da collectividade.

Diz-se, geralmente, que a nossa epocha, em que o materialismo sordido por toda a parte alastra os seus tentaculos vorazes, já não comporta milagres. Entretanto, o milagre deu-se. Houve como que uma mutação á vista e todo o scenario illuminou-se, espancadas para os mais recuados confins do horizonte as tetricas sombras que o obumbravam.

As paixões subalternas, os interesses obscuros, que fermentam á sombra das tyrannias mascaradas, foram varridos para muito longe e definitivamente. Para a sua acção o novo combatente queria uma liça, que delle fosse digna e teve-a. Quando, em dias mais calmos, alguém for examinar desapaixonadamente o papel desempenhado pela mulher paulista nos tragicos dias de 32, então é que elle apparecerá em toda a sua magnitude. Ver-se-á qual foi a animadora daquelles que correram ás fronteiras da terra bandeirante, a erguer uma muralha de civismo, ao mesmo tempo que prodigalisava o coração em multiplos sectores outros, dos hospitaes de sangue á doação das suas joias para o bem de S. Paulo.

Aliás, a mulher paulista sempre fôra assim. Nos afastados tempos do Brasil-colonia, em plena epopéa das bandeiras, já ella dera exemplos, que difficilmente encontram um paralelo na historia. Sob o dilatado dominio de uma politica olygarchica e desnaturada, que repudiava o seu concurso e procurava systematicamente, por todas as fórmulas e por todos os meios, isolal-a desse genero de actividades e confinal-a no recesso dos gyneceus, nulla foi a sua participação na vida publica. Mas, a vitalisadora de energias vivia sempre e soube retornar á arena no momento em que mais preciosas seriam a sua presença e a sua actuação.

E transitou do terreno dos combates, em que se impuzera á admiração unanime, para o campo das lutas eleitoraes com extraordinaria elegancia moral. Não mais arranjos de bastidores, interesses mesquinhos, conchavos de fancaria, cambalachos abjectos. Convicções, idéas, principios, abnegação, altivez, dignidade e limpeza. A sua presença matára a torpeza, dominante nesses paramos, terreno em que se deve altear grandioso o edificio da liberdade de um povo.

Assim foi que ella participou das eleições para a Constituinte, paradigma luminoso em que se deverão enquadrar quantas ainda se venham a realizar de futuro. Levou a sua collaboração efficiente e esclarecida ao seio da Assembléa e — unica no Brasil — appoz a sua assignatura ao pacto constitucional, que é hoje a nossa lei maxima e em que se concretizaram as justissimas e impostergaveis aspirações de São Paulo.

E agora, quando já tão adiantada vae a obra de renovação de valores e de reconstrucção da politica paulistana, é com a luz purissima de que sua alma constitue inextinguivel fôco, que vem dispersar as derradeiras e ominosas sombras de um passado, morto sob o peso de avalanche dos seus erros, das suas culpas e dos seus crimes.

Renda-se á mulher paulista o preito que lhe é devido. Foi a grande professora de civismo do Estado das bandeiras.